

CAPELO

Uma Insígnia das Academias de Medicina Veterinária do Brasil

Por
José Carlos de Andrade Moura

CAPELO



Uma Insígnia das Academias de Medicina Veterinária do Brasil

Por
José Carlos de Andrade Moura

Do latim *cappellu-*, diminutivo de *capa-*, «toucado»

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-04-29 18:52:30]. Disponível na Internet: http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Capelo

"A definição abrange sobretudo o domínio da História".

CAPELO - EVOLUÇÃO HISTÓRICA

1) Antigo capuz dos frades.



Foi criado no Século VII; simbolizava a disciplina dos sentidos e do pensamento do sacerdote.
Precursor da Murça ou Mozeta,
(sem a proteção da cabeça).

A partir do ano 1200, o capuz teve o uso generalizado por ambos os sexos, em todas as classes sociais e sem nenhum significado acadêmico.
Tinha a função de cobrir a cabeça e ombro,
como também proteger do frio.







Cena do filme Robin Hood, épico britânico-estadunidense de 2010.
Estrelado por Russell Crowe (usando capuz em couro).

O padrão das capas de ombro foi desenvolvido no decurso dos Séculos XIII ao XIV, quando estas foram adotadas pelos clérigos e estudantes universitários (em forma de mozeta e peregrineta). Entre os Séculos XV e XVI, passaram a ser vistas como símbolo de graduação e lhes foram dadas cores distintas.

2) Touca de freira.



3) Murça ou mozeta (fechada) e peregrineta (aberta) eclesiásticas.





4) Murça doutoral ou “Cabeção” (gíria acadêmica). Usada pelos doutores como insígnia em atos solenes.

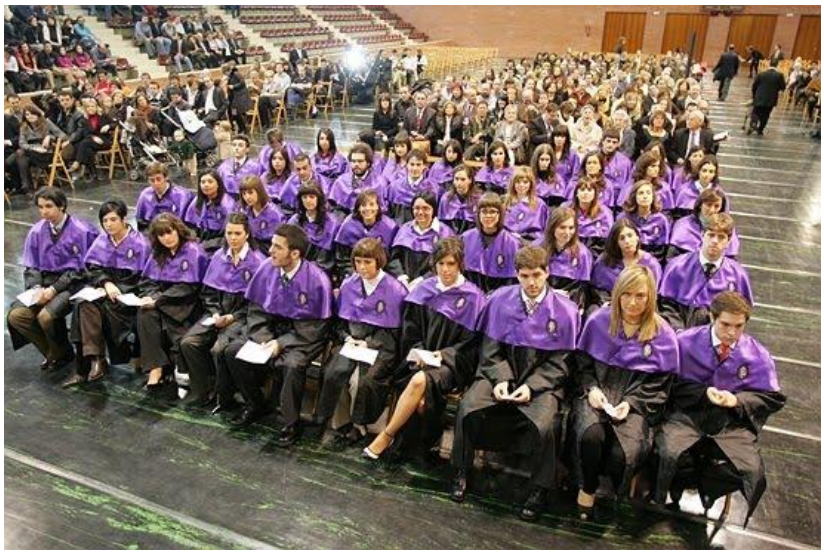


Imagem de Santa Teresa de Ávila, Doutora da Igreja Católica. Autoria do escultor José María Ponsoda, Catedral de Valência/Espanha.
Sobre o hábito talar carmelita ostenta barrete doutoral redondo com arestas de quatro picos (bonete de quatro picos), laureado com franja de seda branca (flecos blancos) e florão, bem como murça (mozeta) doutoral de Teologia.



Reitor com murça branca (cor dos deuses) e Doutor em Medicina com murça verde.

Murça Doutoral



Univ. de Navarra (Espanha), cerimônia de formatura em Farmácia, realizada em 9 e 11 de Fevereiro de 2008. Navarra propõe a adoção de uma toga preta e de uma murça (mozeta) de cetim roxo com o emblema da respectiva faculdade.



Univ. de Salamanca (Espanha), cerimônia de formatura em Farmácia.

La Universidad celebra la investidura de 170 nuevos doctores, procedentes de 26 países

"Hemos apostado decididamente por ser una universidad volcada en la búsqueda de la verdad a través de la investigación", afirma el rector



FOTO: Manuel Castells

La Universidad de Navarra ha celebrado la investidura de **170 nuevos doctores, procedentes de 26 países y de 14 facultades, escuelas e institutos**, que han defendido su tesis desde junio de 2014.

"Hemos apostado decididamente por ser una *Research University,* una universidad volcada en la búsqueda de la verdad a través de la investigación en todas las ramas del saber",

ha afirmado el rector,**Alfonso Sánchez-Tabernero**.

05/06/2015 María Salanova

http://www.unav.edu/web/vida-universitaria/noticia_portada1/2015/06/04/

Observar os doutores com mozetas - cores de acordo com a área do conhecimento.

5) Capelo Doutoral.



Caperuza Doctoral que perteneció al Dr Eusebio Oliva, Protomédico(1818- 1826)
1/6

Capelo de Medicina do Dr. Eusébio Oliva, graduado pela Universidad de San Filipe [fundada em 1756; extinta em 1839], Chile, e lente de prima de Medicina nessa mesma instituição nos inícios do século XIX.
Coleção do Museo Nacional de la Medicina Dr. Enrique Laval, Universidad del Chile/Facultad de Medicina, http://www.museomedicina.cl/.
Fotografia extraída do blogue Crónicas Heráldicas, http://cronicasheraldicas.blogspot.pt

A seguir, algumas partes do livro:

O TRAJE DOS LENTES

MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DA VESTE DOS UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES
(SÉCULOS XIX-XX)

ARMANDO LUÍS DE CARVALHO HOMEM

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: O TRAJE DOS LENTES - MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DA VESTE DOS UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES

ORGANIZAÇÃO: ARMANDO LUÍS DE CARVALHO HOMEM

EDIÇÃO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO DE EDIÇÃO: 2006

COLECÇÃO: FLUPe-DITA
ISSN: 1646-1525

CONCEPÇÃO GRÁFICA: MARIA ADÃO E GRECA - ARTES GRÁFICAS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRECA - ARTES GRÁFICAS

Nº DE EXEMPLARES: 300

DEPÓSITO LEGAL: 244001/06

ISBN: 972-9350-96-5

© FACULDADE DE LETRAS

1. Heranças de Oitocentos

É da «sabedoria das nações» que, ao abrir o século XX, no ocaso da Monarquia Constitucional, o nosso País dispunha de uma só Universidade, a de Coimbra, isto sem embargo da prévia existência de instituições outras de Ensino Superior: detendo estas as suas raízes, nas mais das vezes, em finais de Setecentos, sedimentam-se pelos meados do século subsequente, com realce para o reformismo de Passos Manuel[2] na configuração duradoura de algumas escolas (Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, Escola Politécnica de Lisboa, Academia Politécnica do Porto: 1836 ss.) e para o empenhamento pessoal do rei D. Pedro V na criação de outra (Curso Superior de Letras [Lx.ª], 1859). Acrescentem-se ainda, e até ao termo da Monarquia, o surgimento de Escolas de Farmácia como anexas às Médico-Cirúrgicas, a reforma do Curso Superior de Letras nos alvores do século XX (ministro Jaime Moniz) e várias reformas na própria ALMA MATER da Universidade portuguesa na viragem da centúria[3].

Como trajavam lentes e escolares nesses tempos pré-1911? É questão que para Coimbra, naturalmente, recebe resposta mais substancial[4]. De «hábito talar» é localmente crismada a veste de mestres e estudantes, em Oitocentos como, para os primeiros, ainda hoje[5]. E não creio que os leitores do presente trabalho necessitem do explicitar da razão *anatómica* de tal dizer..., mas de qualquer modo...: uma batina preta e uma capa a recobrir, descendo esta (quase) verticalmente até aos tornozelos; para completar: calça preta e camisa branca com volta de tipo *eclesiástico*; e aí, naturalmente, a origem da veste desses (aliás nem sempre...) outros *clercs*, diplomados ou diplomandos.

De notar que já no século XIX o uso de tal traje não terá sido de todo pacífico, mormente entre os escolares; e mesmo, nos alvores do novo

século, no seio de alguns lentes que achavam excessivo o cerimonial dos actos académicos (v.g. a presença da Charamela nos *actos* de *Conclusões Magnas*) e preferível o fim da obrigatoriedade do *hábito* estudantil, mercê dos desleixos e/ou desvirtuamentos não raro patenteados[6]; a verdade é que boa parte da contestação da *Geração de 70* ao *fero* e *severo* Reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, Visconde de S. Jerónimo (1793-1881, Reitor 1859-1863)[7], se deveu ao *rigorismo* do mesmo na exigência do uso de volta eclesiástica, de uma complexa batina [«loba»] apertando atrás, calções até ao joelho e meias altas (quais resquícios de Setecentos)[8]. Mais para o final do século, o hábito não deixou de registar alguma evolução[9] num sentido *laicizante-aburguesante*, evolução nítida sobretudo entre a comunidade discente[10]. *Talar* mantém-se a capa; a batina tende a encetar uma evolução que a faz subir para um pouco abaixo das rótulas e, sobretudo, na versão *estudantil*, a *abrir* a parte anterior, como que se 'transformando' num casacão subido e mais tarde numa sobrecasaca (eventualmente decorada de acetinadas bandas), por baixo dos quais pode ser visível um colete da mesma cor; enquanto o tradicional colarinho se 'seculariza', fechado por um acessório a lembrar um *plastron*[11]. Nem todos terão apreciado tais modificações no trajar; por algum motivo escrevia Ramalho Ortigão em 1888: «*O grave uniforme decompõe-se pelo modo mais irreverentemente pelintra. O cabeção e a volta foram substituídos pelo colarinho postiço e pela gravata de futriquismo liró. A batina degenerou num casaco gebo e mestiço, de padre à paisana. A calça escorreu inartística e besta, pela perna abaixo, esbaiçando apolainada sobre a odiosa bota de elástico. Assim o belo costume histórico da antiga Universidade se perverteu sem se reformar, reduzindo-o a uma aproximação cenográfica de entremez barato ou zarzuela pobre*»[12]. Como poderia ter dito uma qualquer personagem queiroziana: ele há tempos e tempos no ramalhal opinar...

Assim, ao abrir do novo século, tal traje, com as variantes e evoluções mencionadas, mantinha-se obrigatório no quotidiano lectivo de lentes e estudantes. Reservadas para os actos solenes ficavam as insígnias doutorais dos primeiros, às quais será agora tempo de fazer referência. «Borla e capelo» se lhes chama normalmente, tendendo a atribuir-se o *facies* actual à *reforma pombalina*[13]; o que não será de todo exacto: de origem plausivelmente comum à das insígnias da Universidade de Salamanca[14], os mais recentes estudos apontam para evoluções sensíveis no século XVIII, mas anteriores a Pombal, que não se pensa que tenha procedido a reformas de traje e de insígnias. Uma evolução vinda já de Seiscentos terá tendido a complexificar o «barrete de borlas», que passou «*a ser decorado com tufos de fios caídos a toda a volta, presos no centro por uma espécie de botão alongado, o qual servia para o utente dele fazer uso mais prático*»[15]. Quanto ao *capelo*, pequena capa com «*um longo capuz a cair pelas costas*», confeccionado em veludo e cetim, será por Setecentos que uma evolução igualmente complexificante se processará: do apertar com singelos botões forrados, avançar-se-á para o apertar com alamares, rumo ao aspecto actual[16].



Insígnias doutorais universitárias espanholas de modelo geral sobre toga preta.
Aspecto do capuz ou cogula que habitualmente os
professores espanhóis
escondem por dentro do capelo.
O azul forte é a cor das ciências naturais.

Não resta a menor dúvida que as universidades da Península Ibérica cultivam e estimulam as tradições e a praxe acadêmica.
Um bom exemplo é a Universidade de Coimbra.
Nela, destaca-se a Sala Grande dos Atos (**Sala dos Capelos**), que é a principal sala da Universidade de Coimbra, local onde se realizam as mais importantes cerimônias da vida acadêmica.
Nela, ocorreram importantes episódios da vida da nação portuguesa, não fosse esta a Sala do Trono do Paço Real da Alcáçova onde foi a aclamação de D. João I, Rei de Portugal.
Esta Alcáçova foi também o local onde viveram todos os Reis de Portug durante a primeira Dinastia Portuguesa (1143-1383).



Sala dos Capelos
Universidade de Coimbra

Das diversas cerimônias que aí têm lugar destaca-se como primeira e mais emblemática a defesa de tese do Doutoramento, prova obrigatória para a obtenção do grau de Doutor.
O candidato deve apresentar-se devidamente trajado com o hábito talar (calça preta ou saia - para as senhoras - batina, camisa branca, capa preta comprida e sapatos pretos) perante o júri, também envergando as vestes talares.
Após a prova, o novo Doutor dirige-se novamente à Sala dos Capelos para solicitar ao Reitor as insígnias doutorais: a ***Borla*** (pequeno chapéu que simboliza a inteligência) e o ***Capelo*** (pequena capa curta de seda e veludo que simboliza a ciência), ambos da cor correspondente à Faculdade que concedeu o grau acadêmico. Esta cerimônia solene, designada por ***Imposição de Insígnias*** , conta com a presença de todos os Doutores da Universidade, que se apresentam com as suas respectivas insígnias.



Sala dos Capelos
Universidade de Coimbra

Exemplos de Capelo Doutoral:





Capelo na cor de Farmácia.



Capelo na cor de Psicologia.

6) Por que “Chapéu é sinônimo de “***Capelo***”?

Em virtude da influência da língua italiana.





Segundo o Dicionário Italiano – Português, Editora Leia, São Paulo, 1957, de Oberdan Masucci, a palavra italiana **Cappello**, significa: chap
Assim como, outra derivação (apenas um p), **Capello**, significa: cabel

Provável etimologia baseada na origem da Língua Italiana:

A língua italiana atual deriva em grande parte do latim vulgar e dos dialetos.
Inicialmente, existiam dois tipos de latim falados até a idade média: o latim clássico falado pelos romanos mais cultos e influentes ou pelos moradores da área original de Roma, mais complexo, e o latim vulgar – de maior expansão, que era falado pelos soldados e pelos povos dominados pelos romanos.
A península itálica era formada por regiões em guerra entre si, dominadas por orgulhosos príncipes locais, o que estimulava que cada região desenvolvesse seu dialeto. Durante séculos, os itálico escreveram e falaram dialetos locais incompreensíveis para quem era de outra região.
No século XVI, alguns intelectuais se juntaram e decidiram que isso era um absurdo. A península precisava de um idioma unificado, pelo menos na forma escrita, que fosse comum a todos.
Então esse grupo de intelectuais fez uma coisa inédita na história da Europa; escolheu a dedo o mais bonito dos dialetos locais e o batizou de italiano.
Para encontrar o dialeto mais bonito, eles precisaram recuar duzentos anos, até a Florença do século XIV.
O que esse grupo decidiu que a partir dali seria considerada a língua italiana correta foi a linguagem pessoal do grande poeta florentino Dante Alighieri.
Ao lado do italiano, diversos dialetos ainda são falados pela população italiana.

Fonte: http://www.minhasaga.org/2013/10/a-origem-da-lingua-italiana-por-elizabeth-gilbert.

EPÍLOGO

“Do capuz medieval ao Capelo Acadêmico”

As indumentárias e suas cores são símbolos que transmitem mensagens tanto religiosas, como acadêmicas (Traje Talar e Insígnias – Capelo, Borla, cordão, medalha, broche, etc.).

As vestes sacerdotais tiveram origem na roupa secular do mundo greco-romano e as acadêmicas, por sua vez, nas sacerdotais.

No Século VII, o capelo foi usado pelos frades em forma de capuz (capa e touca) e simbolizava a disciplina dos sentidos e do pensamento do sacerdote.

A partir do ano 1200, teve uso generalizado por ambos os sexos, em todas as classes sociais. Tinha a função de cobrir a cabeça e ombro, assim como proteger do frio.

Ainda no Século XIII, o capelo, passou a ser utilizado pelos bispos em forma de Murça ou Mozeta – sem a touca (capa com comprimento a altura do cotovelo e fechada na frente com botões), assim como a Peregrineta, só que aberta na frente e fechada a altura do pescoço.

A partir do Século XVI, as universidades da Península Ibérica - principalmente a de Salamanca e Coimbra, adotaram em suas solenidades acadêmicas de conclusã de curso a Murça e o Capelo Doutoral, respectivamente, como insígnias acadêmica

Nessa mesma época as cores das capas foram estabelecidas de acordo com a área do conhecimento.



Imagem da Internet - adaptada

CAPELO

Uma Insígnia das
Academias de Medicina Veterinária do Brasil



Capa curta de veludo verde, forrada de cetim da mesma cor.
O comprimento é limitado à altura do punho.
As bordas recebem aplicação de sianinha dourada.
É fechada á altura do pescoço por um cordão dourado.
No lado esquerdo, o símbolo da Academia bordado em dourado.

Significado das cores:

VERDE: Ciência Veterinária.
DOURADO: Está associado a ideais mais elevados, sabedoria, humildade, compreensão e iluminação.

REFERÊNCIAS PARA TEXTOS E IMAGENS

1) Significado de Capelo. Disponível em:
http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/capelo
Acesso em 14/04/2015.

2) Sinônimos de Capelo. Disponível em:
http://www.dicio.com.br/capelo/
Acesso em 14/04/2015.

3) “Capelo d'elme”. Disponível em:
http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=13976
Acesso em 14/04/2015.

4) Capelo de Medicina do Dr. Eusébio Oliva. Disponível em:
http://virtualandmemories.blogspot.com.br/2015/04/
capelo-de-medicina-do-dr.html
Acesso em 16/04/2015.

5) Univ. de Navarra, cerimónia de formatura. Disponível em:
http://www.unav.edu/farmacia/imagenes_fotogaleria/
albumbecas/08/index.htm
Acesso em 16/04/2015.

6) Santa Teresa de Ávila, Doutora da Igreja Católica.
Disponível em:
http://virtualandmemories.blogspot.com.br/2015/01/
imagem-de-santa-teresa-de-avila-doutora.html
Acesso 20/04/2015.

7) Sala dos Capelos. Disponível em:
http://visit.uc.pt/salacapelos/
Acesso em 22/05/2015.

8) Evolution of the Bachelor's, Master's, and Doctoral Hood
Disponível em:
http://www.academicapparel.com/caps/Academic-Hood-Development.html
Acesso em 10/06/2015.

9) História da Origem da Língua Italiana
. Disponível em:
http://pt.m.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_italiana
Acesso em 13/06/2015.

10) Indumentaria académica hispánica.
. Disponível em:
https://es.wikipedia.org/wiki/Indumentaria_acad%C3%A9mica_hisp%C3%A1nica
Acesso em 20/06/2015.